

JORNALISMO EM PERSPECTIVA FEMINISTA: O OLHAR DAS MULHERES SOBRE SEUS CORPOS¹

Anna Luisa Schuck²

Marlon Santa Maria Dias³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó

RESUMO

O presente artigo apresenta o relatório de uma pesquisa aplicada sobre a percepção que as mulheres têm sobre seus corpos diante de padrões e imposições sociais e estéticas. A pesquisa teórica articula as relações entre corpo feminino e jornalismo feminista. A reflexão teórica do trabalho auxiliou na produção da grande reportagem que contou com relatos de sete mulheres que expuseram como elas percebem seus corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo feminino; Grande Reportagem; imposições estéticas; padrão de beleza; gênero.

INTRODUÇÃO

A visão das mulheres sobre os seus próprios corpos foi o ponto de partida para a execução deste trabalho, que se tornou uma grande reportagem com o objetivo de compreender, principalmente, a noção do corpo em meio à sociedade e a partir de lentes teóricas do feminismo e dos estudos de gênero.

Esses públicos específicos dão a entender que pouco se discute sobre esses assuntos sociais. A mídia ainda é um ambiente prescritivo acerca do parâmetro de beleza, que molda a percepção de muitas dessas mulheres e desenvolvem nelas traumas que não são simples de reparar.

A grande reportagem realizada através do embasamento teórico e do mapeamento, deu origem à produção, “De Corpo em Corpo: a linha do padrão”, que destaca com um viés crítico, mas ao mesmo tempo reflexivo diante das histórias contadas. Foram sete mulheres entrevistadas com histórias diferentes, mas que se interligam em diversos pontos durante o trabalho. Valéria Cristina, Calúzia Santa Catarina, Solange Dornelles, Fernanda Trentin, Sara Sales, Jessica Fogaça e Karla Muniz deram vida à grande reportagem realizada como Trabalho de Conclusão de

¹ Resumo apresentado no Grupo de Trabalho, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó; e-mail: anna.schuck@unochapeco.edu.br

³ Orientador do trabalho. Professor da Escola de Comunicação e Criatividade da Unochapecó. Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). E-mail: marlondias@unochapeco.edu.br

Curso (TCC). O mapeamento das mulheres foi feito em conjunto com várias pessoas que auxiliaram no momento da procura por quem se encaixaria no trabalho e também nas especificidades escolhidas para conduzir a grande reportagem.

A escolha dessas mulheres possibilitou uma diversificação do tema, entre raças, corpos e orientações sexuais. As entrevistas em sua maioria foram realizadas nas casas das mulheres, em cafés ou lugares que se sentissem confortáveis. Esse aspecto trouxe uma melhor aproximação na hora de entrevistar e garantiu um conforto melhor tanto por parte das entrevistadas quanto por parte da repórter.

Como justificativa pessoal para a realização do trabalho decorre dos assuntos já abordados dentro dos trabalhos acadêmicos que fiz ao longo das disciplinas na graduação e que trazem questões sobre as mulheres. Debater sobre isso sendo mulher é algo sensível, pois falar após ser silenciada e agredida exige um processo, tanto de aceitação e de poder diante do medo.

A temática do trabalho já tem abrangência acadêmica e foi investigada em áreas como a Moda, a Educação, a Saúde, a Comunicação e o Jornalismo. Porém, essas discussões encontram mais espaço em pesquisas de cunho monográfico, como teses e dissertações. Diante de aspectos sociais, o trabalho trata de problema social e cultural de longa data. O olhar feminino sobre seus corpos agrega o viver da mulher nesta sociedade, que diz respeito e destaca as imposições estéticas normativas que geram danos e sofrimentos. Com isso, é de suma importância inserir o trabalho em meios que correspondem ao jornalismo focado nas questões de gênero e do feminismo.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Considera-se como base a luta feminista e as questões de gênero refletidas pelas teorias feministas enquanto orientação que induziu o desenvolvimento deste trabalho. “Os Estudos Feministas estiveram sempre centralmente preocupados com as relações de poder. Esses estudos procuraram demonstrar as formas de silenciamento, submetimento e opressão das mulheres” (LOURO, 1997, p. 37). É relevante tornar estas questões visíveis ao público e validar as lutas das mulheres sem opressão e desmerecimento.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e,

usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 1997, p. 41).

Gênero é um conceito que tem sido desenvolvido através dos estudos feministas. Alinne de Lima Bonetti (2009, p. 120) destaca “gênero e poder como intrínsecos à constituição do social” e, portanto, uma análise atravessada pelas questões de gênero precisa considerar também as relações de poder implicadas nas relações sociais. Falar sobre feminismo é falar diretamente sobre as relações de poder que são estabelecidas pelas pessoas em meio à sociedade. É complexo compreender o termo gênero, inclusive porque ele é apropriado em diferentes esferas e ainda muito usado no senso comum. No dicionário on-line consultado, gênero é um “conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas têm em comum”⁴.

Michelle Perrot (2007, p. 42) aponta o corpo e o ser feminino como objeto de exclusão, isto é, atributos vinculados ao feminino são historicamente menosprezados em relação aos masculinos. O nascimento de um homem, por exemplo, torna-se mais desejado do que o de uma mulher. Nesse contexto, começam os paradigmas da diferença de gênero, em que o conjunto de atributos entendidos como femininos é menos valioso do que masculino.

Nesse sistema de hierarquias e atribuições, a menina já nasce “predestinada” ao trabalho doméstico e à procriação, necessitando criar uma família e ter filhos, de preferência homens. O corpo feminino é invadido desde a infância por padrões que, embora tenham se modificado ao longo do tempo, ainda assim seguem impostos pela sociedade.

“A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências” (PERROT, 2007, p. 49). Essa fala de Michelle Perrot destaca que a imagem perfeita de uma mulher é comparada pelo corpo desejável e não pelo seu eu além do corpo feminino. Nesse sentido, Naomi Wolf (2019) entende que existe um mito da beleza que se designa pelo julgamento da aparência feminina aos determinados períodos e processos e como o homem molda as mulheres através de seus desejos. Naomi Wolf (2019, p. 29) explica:

⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genero/>. Acesso em: 28 mar. 2023.

O mito da beleza tem a seguinte história a contar. A qualidade chamada "beleza" existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher precisa corresponder à sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável.

A partir disso, Wolf (2019) analisa o mito da beleza como uma forma dos homens tomarem posse do corpo feminino através de seus desejos e julgamentos. Ele não foi criado para as mulheres, mas sim para os homens. Nesse sistema, as mulheres tentariam a todo custo estarem lindas, menos por isso as fazerem se sentir bem e mais para o agrado masculino. Friso que certamente há desvios e resistências a esse mito e a história do feminismo, por exemplo, é exemplar disso. No entanto, quando tratamos de mito da beleza estamos referindo uma construção social, histórica e cultural ampla que incide na sociedade ocidental e que abarca a todas.

O corpo feminino passou a adquirir mudanças ao longo dos séculos. Mary Del Priore (2000, p. 14) relata que ele era visto com marcas de exclusão e de inferioridade e garante que ainda vivemos em um contexto de submissão, retraindo tudo o que já havia sido lutado. Ela afirma: “Mudamos muito, mas mudamos para continuarmos as mesmas” (PRIORE, 2000, p. 99). A autora aponta, assim, para as armadilhas que fazem com que as mulheres permaneçam subjugadas num sistema patriarcal, machista e machocêntrico.

Com isso, o corpo feminino também foi altamente afetado pela mídia e ainda segue. Os jornais, revistas, publicidades mudaram um contexto de aceitação para consumo, no qual o ter e parecer é melhor que o ser e o estar. “Mais do que nunca, a mulher sofre prescrições. Agora não mais do marido, do padre, ou do médico, mas do discurso jornalístico e publicitário que a cerca” (PRIORE, 2000, p. 15). Priore (2000) ainda destaca que o século XXI foi invadido pela obrigação de estarmos à mercê do serviço em cima de nossos corpos, se antes era mandado pelo marido, agora é por alguém desconhecido, através de telas midiáticas.

A mídia também está muito atrelada aos padrões estéticos das mulheres, afinal, como já exposto, ela opera como um dispositivo de gênero prescritivo e ordenador em relação ao que se considera feminino e masculino. Pensando o contexto do jornalismo,

percebemos um espaço predominantemente dominado por homens, destacando deste modo um fazer jornalístico marcado pelo masculinismo (SILVA, 2014). Os veículos de comunicação são tendenciosos e exploram os comentários mais absurdos quando se trata do corpo feminino, por este motivo também este projeto se torna importante no meio comunicacional, para mostrar que não existe um padrão mas que existem mulheres diferentes com corpos diferentes.

O fazer jornalístico ainda opera em modelos tradicionais que oportunizam formas e linguagens conservadoras e masculinas. Trazer o jornalismo como área de exemplo é destacar principalmente o que as mulheres passam também em ambientes de trabalho, já que as manchetes são extremamente desrespeitosas e invalidam as lutas cotidianas dos movimentos sociais relativos a pautas feministas.

METODOLOGIA APLICADA

O trabalho contou inicialmente com uma subdivisão que se consolidou com a pré-produção: com pesquisa exploratória, mapeamento das mulheres a serem entrevistadas, estudo das teorias que levaram ao embasamento da pesquisa e o início da execução dos processos. Na produção ocorreram as entrevistas e a produção da grande reportagem que tomou o maior tempo durante o desenvolvimento do produto. A pós-produção deu-se pela parte visual e toda a diagramação realizada, os recursos utilizados foram retirados de bancos de imagens gratuitos para dar embasamento ao trabalho e deixar mais harmonioso, trazendo também aspectos importantes que se complementam ao decorrer do texto escrito na produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero o trabalho feito também como uma crítica a ser inserida dentro da sociedade. A reportagem “De Corpo em Corpo: a linha do padrão” foi um objetivo concluído de muito aprofundamento teórico e prático. Esse trabalho garantiu um estudo maior sobre os padrões de beleza e como as mulheres estão inseridas dentro dele, desmistificando a ideia de um corpo ideal.

Fazer uma reportagem falando das mulheres sempre foi a primeira ideia de trabalho de conclusão de curso pensada, idealizar isso em uma grande reportagem dá a entender que tem muito caminho pela frente na luta feminista e também para o

jornalismo de subjetividade falar sobre feminismo. Essa reportagem é o ponto de partida que se abre para outras produções relacionadas. Escrever sobre as mulheres, sendo uma mulher, possibilita uma ênfase melhor do assunto a ser explanado e uma crítica ainda maior de como as mulheres estão inseridas dentro dos ambientes em que vivem.

A questão desafiadora ao escrever sobre pessoas é primeiramente a aceitação para a entrevista e o contato com as entrevistadas. Fazer uma reportagem exigiu ir além do sentimental para um trabalho profissional, os relatos das mulheres foram fortes e até mesmo difíceis de ouvir, porém elas estavam abertas para contar sobre o que viveram e confortáveis ao compartilhar sua história com outra mulher. Alguns contatos com entidades e mulheres não tiveram êxito dificultando a procura também por nomes que poderiam fazer parte da reportagem.

A parte mais complexa da produção foi a de qualificar o que entraria ou não na escrita, pois muitas coisas seriam importantes de incluir, mas não couberam à reportagem. Realizar a produção com um olhar de subjetividade auxiliou no processo afetivo e qualificatório dos relatos, pois foi possível mostrar o real sentimento daquelas mulheres quanto ao seu corpo e ao modo que ele se insere na sociedade.

REFERÊNCIAS

BONETTI, Alinne de Lima. **Etnografia, gênero e poder**: antropologia feminista em ação. Mediações, Londrina, v. 14 n.2. p. 105–122, 2009

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 14-56.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 41-82.

PRIORE, Mary Del. **Corpo a Corpo com a Mulher**: Pequenas histórias das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo, SP: Editora SENAC, 2000. p 9-100.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 8. Florianópolis: Insular, 2014. p. 41 - 105.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019. p. 25-418.